

sITU

#3 RICARDO ALCAIDE

ordem informal

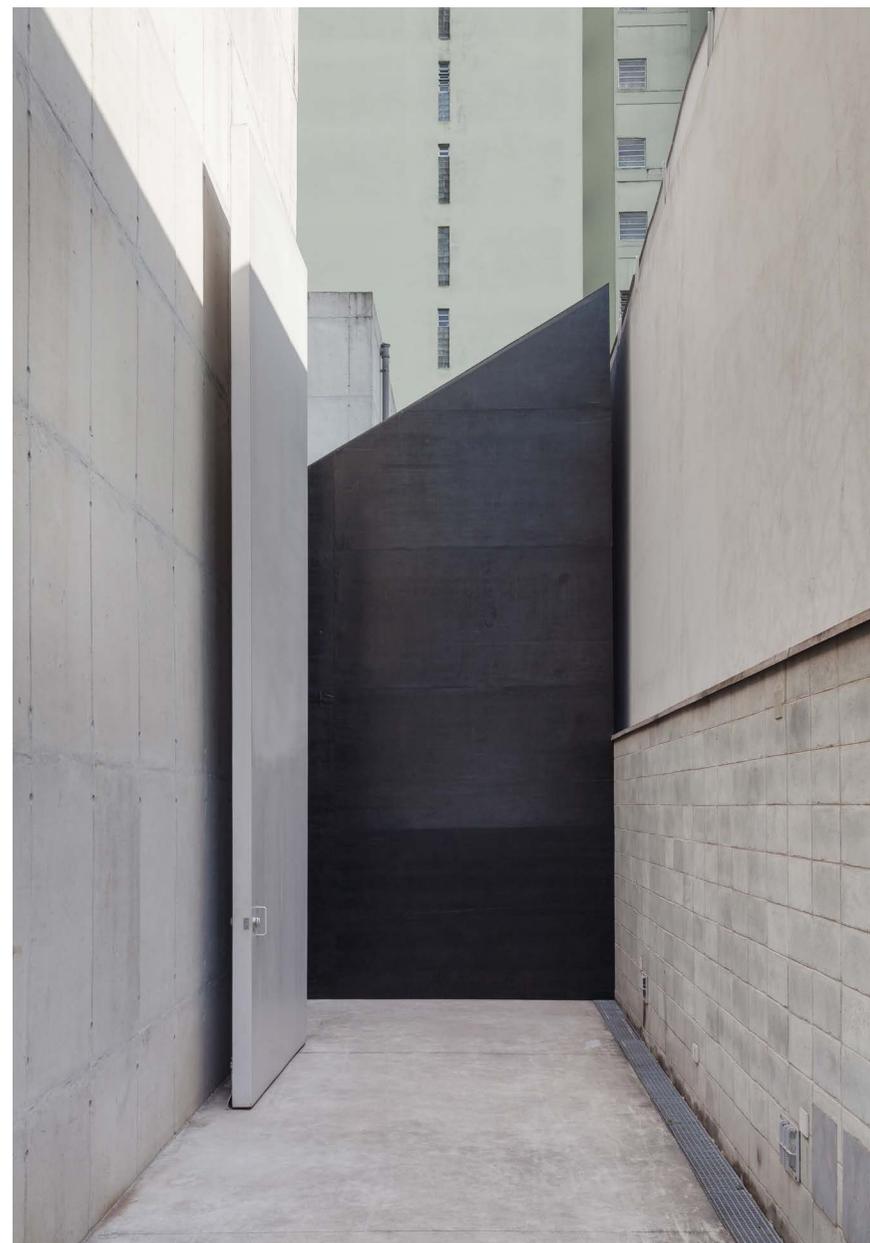
ordem informal 2016

A Galeria Leme apresenta o terceiro *site-specific* comissionado para o projeto SITU, curado por Bruno de Almeida, dando continuidade a uma pesquisa mais ampla sobre formas de pensar e discutir a produção do espaço (urbano) através de um diálogo entre arte, arquitetura e cidade.

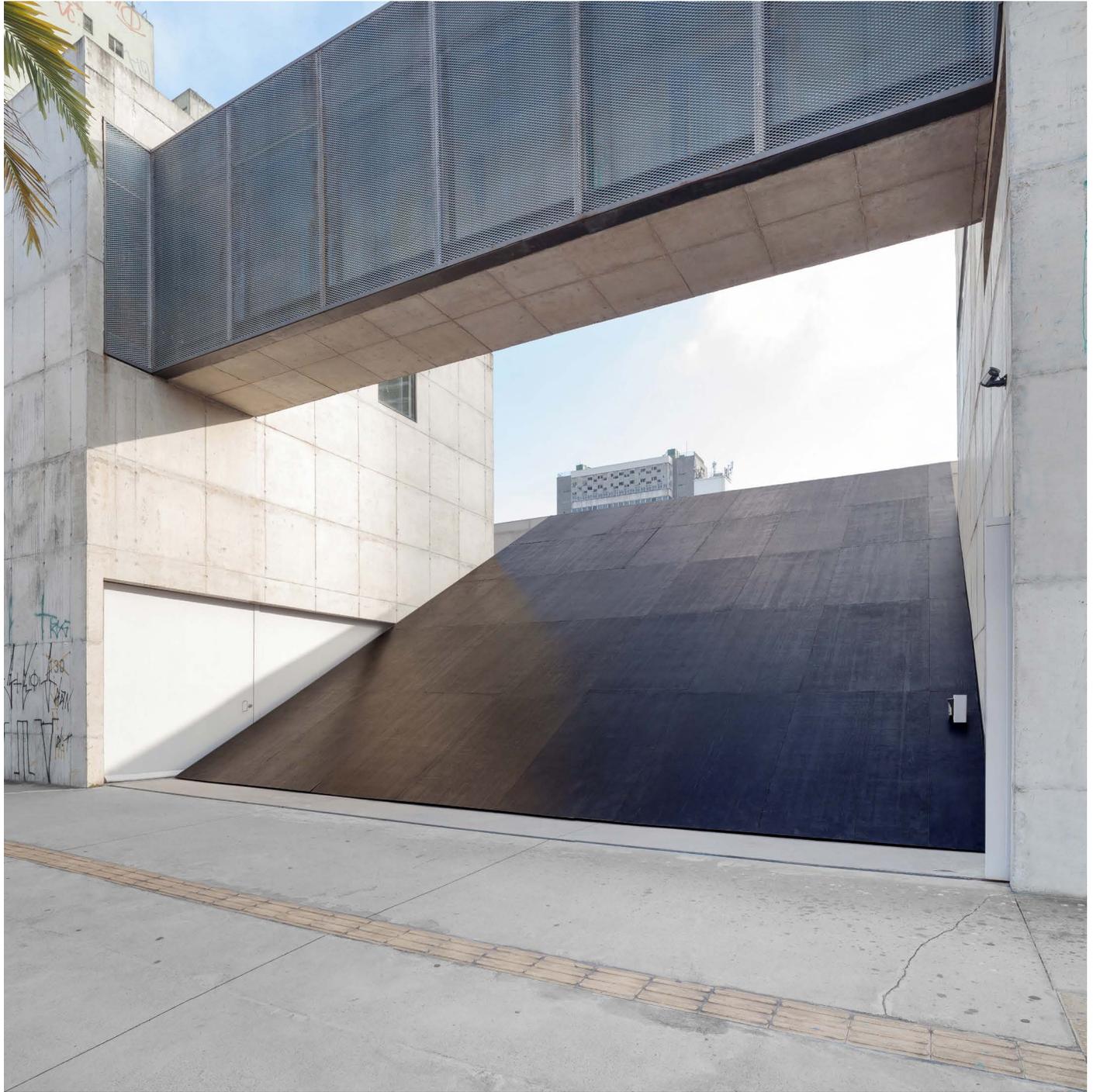
SITU convida o artista Venezuelano Ricardo Alcaide a conceber uma obra que resulte de uma reflexão sobre o contexto urbano entendido como ampla matriz físico-social, e que se relacione simultaneamente com o exterior do edifício da galeria e com o espaço público contíguo.

Ricardo Alcaide projeta um grande volume geométrico negro que ocupa quase a totalidade do pátio externo da galeria. A face que se apresenta para o transeunte se desenvolve em rampa desde o chão, mais próximo à calçada, se elevando até ao topo da parede ao fundo do pátio e chegando a seis metros de altura. O volume dissecar diagonalmente as fachadas da galeria, anulando o espaço externo e bloqueando quase inteiramente as duas entradas para o edifício. Para a construção deste elemento monumental o artista usa uma madeira vulgarmente utilizada na construção civil como estrutura para moldes de concreto *in loco*, o mesmo processo de construção das paredes da galeria. Devido à obstrução do acesso habitual ao edifício, Alcaide desloca a entrada para a fachada oposta, utilizando uma porta que se encontra habitualmente fechada. Este novo acesso faz referência à entrada original do primeiro projeto da galeria, do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, construída em 2004 e depois demolida em 2011 para dar lugar à sua réplica, a estrutura que existe hoje. Com a realocação e a reorientação do edifício, o projeto inicial foi readaptado e consequentemente a inversão da entrada foi incorporada.

Através da ocupação e quase inutilização de um espaço (semi)público e da consequente adaptação do percurso de entrada, Ricardo Alcaide induz a um reexame da relação física do visitante com o edifício e subverte o funcionamento normal da instituição. Criando uma circunstância espacial que se localiza no limiar entre conflito e uma espécie de institucionalização da provisoriedade, o artista tira partido da fricção entre rigidez e improviso institucional que está frequentemente presente na nossa experiência da cidade, se materializando comumente no encontro entre a arquitetura “oficial” e as construções improvisadas que cumulativamente se acoplam a esta e são resultados de pactos territoriais paralelos à própria ordem jurídico-normativa oficial.











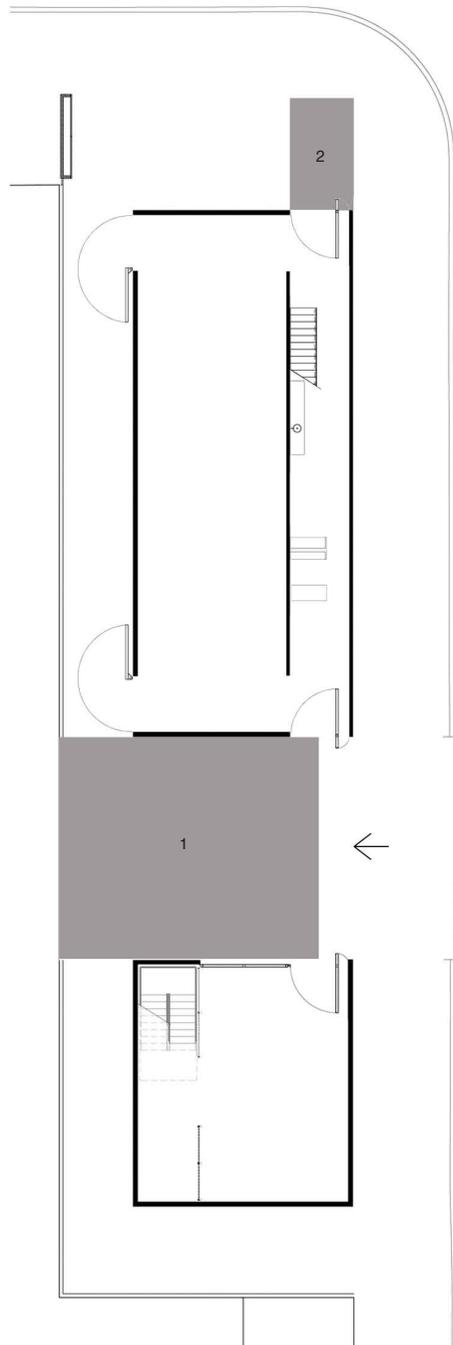




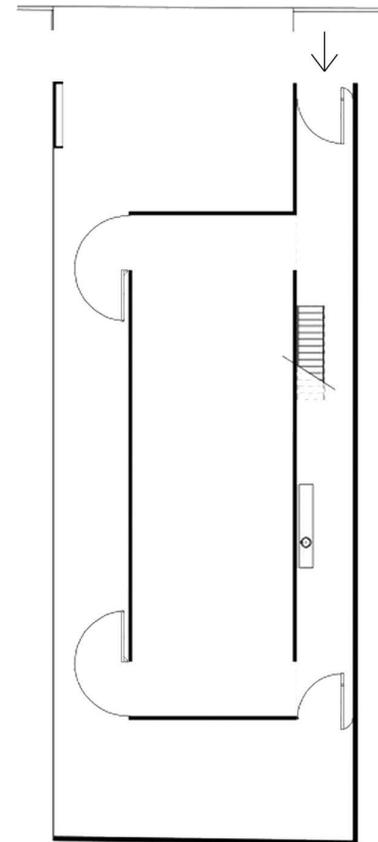


Vista da instalação: entrada provisória da galeria

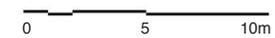
planta da galeria atual



planta da primeira antiga



- 1 instalação
- 2 instalação: entrada provisória
- ← entrada principal



ilegalidade funcional e a institucionalização da precariedade

Bruno de Almeida

Nos interstícios da cidade proliferam modos mutáveis de ocupação do espaço que evadem o pragmatismo dos planos urbanos e a “produtivização” estruturante das novas visões de urbe. Estas configurações geram universos informais e ilegais através da apropriação provisória de espaços (semi)públicos ou privados e da constituição de estruturas improvisadas que cumulativamente se acoplam à cidade “oficial”.

Tais manifestações espontâneas, comumente entendidas como fruto de posições oportunistas sobre as brechas da legislação urbana, são algumas das estratégias de sobrevivência/resistência que uma parte da população consegue encontrar face à estruturação da cidade pautada pela ordem do capital e perante uma lógica discriminatória na formulação e aplicação da lei.^[1]

Ao contrário do que se possa pensar, não é por falta de planos e nem de legislação urbanística que as cidades brasileiras se encontram sujeitas a esta dualidade entre forças predatórias e parasíticas. Apesar do vasto aparato legal que regula a produção do espaço urbano, o conjunto de leis que o normatiza usualmente desconsidera a clandestinidade em que (sobre)vive grande parte da sua população, principalmente em relação à moradia e à ocupação da terra.^[2]

Este lapso estratégico tem consequências políticas muito importantes, já que instituir territórios “fora da lei” é uma forma de excluir os seus habitantes das responsabilidades burocráticas da cidade oficial, colocando-os numa posição de cidadania limitada.^[3]

Esta lógica discriminatória na aplicação da lei resulta numa demarcação de limites territoriais por meio de barreiras físicas, econômicas e ideológicas que têm sido instrumentos fundamentais para um exercício estratégico do poder desempenhado por uma minoria.

A estas barreiras se contrapõem aqueles outros modos mutáveis de ocupação que obstruem e fragmentam o espaço legislado. Estes não só resistem à normatização da cidade como também criam outras possibilidades para o seu uso e funcionamento, tais como a ocupação de imóveis ociosos ou domesticação de espaços públicos por aqueles excluídos de uma política habitacional; a apropriação das calçadas ou as bancas improvisadas por aqueles impedidos de legalizar o seu negócio; entre tantos outros exemplos não contemplados pelo direito a condições de trabalho e de vida para além da perspectiva estrita da sobrevivência.

Face à impossibilidade de conter, expulsar ou ocultar estas formas de apropriação e uso do espaço normatizado, foram sendo estabelecidas regras maleáveis baseadas em acordos e negociações entre a cidade oficial e os “outros”, que a reinterpreta e subverte. Através destas combinações são instituídos pactos territoriais paliativos, paralelos à própria ordem jurídico-normativa oficial mas sem parar de dialogar com esta.^[3]

Esta ilegalidade tolerada, decorrente de uma institucionalização da provisoriedade e da precariedade, mais do que uma resposta igualitária às necessidades da população, induz a uma conseqüente normalização e banalização das mesmas, numa tentativa velada de obliteração da sua capacidade subversiva.

Assim, o estado de ilegalidade consentida é paradoxalmente uma situação funcional para a manutenção do *status-quo* fundado por relações políticas arcaicas que acabam apadrinhando os interesses das classes dominantes, de um mercado imobiliário restrito e especulativo e de vários outros negócios.

Portanto, o que *a priori* poderia ser entendido como uma estruturação do espaço urbano baseado em dinâmicas predatórias e parasíticas, acaba se assemelhando a um outro tipo de relação onde ambas as partes beneficiam-se reciprocamente da sua associação, mas na qual uma poderia viver independentemente da outra. Este tipo de relação, denominada cientificamente de “mutualismo facultativo”, pode também se assemelhar a um parasitismo recíproco, em que uma das partes ao beneficiar-se prejudica a outra, uma dinâmica que partilha várias semelhanças com a conjuntura sócio-espacial contemporânea.

[1] MARICATO, Ermínia. O impasse da política urbana no Brasil. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. (ISBN 9788532641472)

[2] MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: Otilia Arantes, Carlos Vainer, Ermínia Maricato. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000. (ISBN 9788532623843)

[3] ROLNIK, Raquel. Para além da lei: legislação urbanística e cidadania (São Paulo 1886-1936). In: Maria Adélia A Souza; Sonia C. Lins; Maria do Pilar C. Santos; Murilo da Costa Santos. (Org.). Metrópole e Globalização-Conhecendo a cidade de São Paulo. São Paulo: Editora CEDESP, 1999. (ISBN 9788587237019)

sobre Ricardo Alcaide

Bruno de Almeida

A obra de Ricardo Alcaide deriva de uma percepção aguda e intuitiva das dinâmicas sócio-espaciais das diferentes cidades por onde passou. Nascido em Caracas, viveu por mais de uma década em Londres, e atualmente reside em São Paulo. Todos estes distintos contextos urbanos e sociais proporcionaram-lhe um rico léxico que tem continuamente informando a sua prática artística ao longo dos anos.

Apesar de elaborar as obras no estúdio, a maior parte do trabalho faz alusão à sua própria experiência da cidade. Isto pode ocorrer de forma imperceptível, nomeadamente quando o artista explora composições abstratas em desenho ou pintura; nitidamente quando fotografa a paisagem urbana, os seus desconhecidos e a sua arquitetura oficial e não oficial; ou ainda mais notoriamente quando seleciona e recolhe materiais abandonados das ruas. Embora os critérios possam ser variáveis, o traço comum subjacente a todas estas escolhas é o olhar criterioso e o instinto do artista que priorizam os elementos em que ele pressente uma segunda ontologia oculta aliada a um potencial escultórico, pictórico e/ou arquitetônico.

Embora o trabalho de Alcaide usualmente comece de uma conexão direta com a experiência da cidade, as obras resultantes se afastam de uma compreensão pré-definida, sobretudo porque o artista habitualmente retrabalha as suas qualidades formais até o limite da abstração. Com esta manobra, ele simultaneamente amplia a gama de interpretações possíveis e cria uma sensação de *déjà vu* que nos remete ao vocabulário corporal e à experiência visual que herdamos das ruas. Contudo, o seu trabalho não duplica essa experiência, ao invés disso narra a história marginal de uma “cidade paralela” que, paradoxalmente, resulta do detrito e do consumo da metrópole “oficial” e hegemônica.

Ao longo de sua carreira, o artista tem frequentemente usado uma estética modernista, tirando partido da capacidade desta de criar cenários atemporais e ideologicamente carregados, usando edifícios modernistas como fundos ou estruturas nas quais justapõe formas instáveis ou elementos que aludam à improvisação e à precariedade da vida quotidiana. A sua principal intenção vai além de reafirmar o “fracasso do modernismo” ou a modernidade por-cumprir na

América Latina, ao invés disso esta operação aponta para um questionamento mais aprofundado da relação entre a hierarquia social e o uso ideológico da arquitetura e urbanismo. Gerando tensões entre as noções idealizadas do espaço e a realidade de sua manifestação física e sua apropriação quotidiana.

Este interesse na coabitação desses domínios aparentemente antagônicos está no cerne da prática de Alcaide, juntamente com um fascínio por sujeitos marginalizados e expulsos de uma sociedade que permanentemente descarta seu lixo e história, criando uma cultura na qual qualquer coisa que pareça ser velha, precária, obsoleta ou fora-de-lugar, é simplesmente ignorada ou rejeitada. O interesse profundo em ambientes construídos e nos resíduos que gravitam em torno destes, pode ser entendido como uma maneira própria do artista de dar forma a uma pesquisa quase antropológica sobre uma humanidade periférica dentro da cidade, incidindo em todas as suas manifestações que, apesar de serem resultados de uma profunda exclusão económica, social e espacial, ainda conseguem fazer parte da paisagem urbana e nela interferir.



Ricardo Alcaide, 1967, Venezuela. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Exposições individuais incluem: Not Much Further, Arroniz Arte Contemporaneo, México; Forma critica, Cristinger De Mayo Gallery, Zurique (2015); Settlements, Baró Galeria, São Paulo (2014); Una forma de desorden invasivo, Galería Lucia de la Puente, Lima (2013), entre outras.

Exposições coletivas incluem: Bienal Tridimensional Internacional do Rio TRIO, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro; Monochrome Undone, SPACE, Sayago & Pardon Collection, Irvine (2015); The Language Of Human Consciousness, Athr gallery, Jeddah. Saudi Arabia (2014); Visão Do Paraíso: Pensamento Selvagem (curadoria de Julieta Gonzalez e Pablo Leon de la Barra), Rio de Janeiro (2013), entre outras.

Os seus trabalhos fazem parte de coleções tais como: Sayago & Pardon, Los Angeles, EUA; Zabłudowicz Collection, Londres; Colección Fundación Cisneros, Caracas; Pinacoteca do Estado, São Paulo; MAR, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporâneo de Caracas, entre outras.

Bruno de Almeida, 1987, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Graduado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal. Mestre em Arquitetura pela Accademia di Architettura di Mendrisio, Suíça. Trabalhou como arquiteto em Londres, Reino Unido e também como assistente curatorial no Instituto de Investigação Independente da Fondazione Archivio del Moderno, Suíça.



fotografias de Ricardo Alcaide, tiradas em São Paulo

GALERIA
LEME

GALERIA LEME - AVENIDA VALDEMAR FERREIRA 130, CEP: 05501-000, SÃO PAULO, SP / BRASIL
TEL. 11 3093.8184 - HORÁRIO: TER - SEX: DAS 10H ÀS 19H, SÁB: DAS 10H ÀS 17H
INFO@GALERIALEME.COM - WWW.GALERIALEME.COM

WWW.PROJETOSITU.WORDPRESS.COM
@PROJETOSITU

CLIQUE AQUI PARA VISITAR O SITE OFICIAL DO SITU